

COAUTORIA COM LEONOR DIAZ DE SEABRA: “O Papel de Macau no Comércio Marítimo Chinês (sec. XVI-XVIII)”, *VII Fórum Internacional de Sinologia*, Porto, ISCAP, 3 de Março de 2012.

Resumo:

Macau, de comunidade comercial, de início, passou a ser importante centro de política geral, base para a expansão e orientação religiosa. Comercialmente, estava na confluência dos interesses económicos ligados ao maior mercado do Oriente, a China, e a fonte mais desejada da prata, o Japão. Era o porto indispensável para a navegação portuguesa da Índia e de Malaca para a China e para o Japão, tendo que assegurar a regularidade dos fornecimentos da seda adquirida nas feiras de Cantão, para que a viagem para o Japão se processasse com normalidade, e dos abastecimentos, para que a viagem nos dois sentidos pudesse ter apoio logístico e técnico.

Os Portugueses de Macau estabeleceram contactos com a EIC e com os comerciantes independentes ingleses nos mercados da Índia, onde todos negociavam. Dos finais da década de 1680 até à de 1750, os comerciantes portugueses de Macau navegavam para Madras, todos os anos. Por meados do século XVIII, os comerciantes independentes de Macau foram contratados para fornecer chá da China à EIC, em Madras, tal como acontecia com a VOC, em Batávia, à qual também forneciam o chá¹. Os Portugueses de Macau também tinham relações comerciais com outras Companhias Europeias e com comerciantes independentes europeus e asiáticos, nomeadamente Franceses e Arménios. Com os Franceses, chegados a Cantão em 1704, desenvolveram transacções comerciais na costa sudoeste da Índia, em Mahe, onde aqueles estavam estabelecidos. Nos finais do século XVII e princípios do século XVIII, vários mercadores arménios que, juntamente com uma comunidade judaica, residente em Madras, negociavam com Manila, entraram em contacto com os Portugueses de Macau². Principalmente a partir do século XVIII, os mercadores arménios, que negociavam com a China, transportavam as suas mercadorias *em barcos portugueses a partir de Macau*

Após a expulsão dos Portugueses das Molucas, na zona extrema da Indonésia, o declínio da participação de Malaca no comércio de especiarias entre o Oriente e o Ocidente, e a chegada dos Holandeses e Ingleses, os comerciantes Portugueses

expandiram-se para as Celebes e Ilhas de Sunda, continuando a negociar em especiarias e sândalo, exportando têxteis indianos para Manila, e ouro em barra e maça, de Macassar para a Índia. Nos inícios do século XVIII, os comerciantes portugueses de Macau continuavam a procurar mercados rentáveis, mesmo em zonas mais longínquas e fora do Mar da China Meridional, isto é, no Oceano Índico³.

No que se refere ao comércio e sua sobrevivência, os comerciantes independentes portugueses utilizaram uma grande variedade de métodos e práticas comerciais, que parecem reflectir as suas atitudes pragmáticas e não-dogmáticas.

O comércio marítimo com os estrangeiros continuou, com os Qing, mas foi centralizado no porto de Cantão (Guangzhou), onde os estrangeiros tinham as suas feitorias, fora das muralhas da cidade, fazendo os seus negócios com os *hongs* e só durante a estação oficial de comércio (official *trading season*) - foi o chamado “Canton Trade” (Sistema Comercial de Cantão, 1757)⁴. Com a restrição do comércio estrangeiro a Cantão e a proibição dos estrangeiros aí residirem fora da estação oficial de comércio, aqueles retiravam-se para Macau para aí passarem o Inverno e regressarem na estação seguinte, pelo que Macau se tornou no entreposto europeu na Ásia. É sua a dinâmica comercial que se estabeleceu a partir de Macau que centraremos a nossa comunicação.
